



# A cultura do espetáculo

Gabriela Salvador  
Mariane Alves  
Raudriane Albert  
Renata Shigematsu  
Thais Santos Mendes

# Bibliografia de Guy Debord

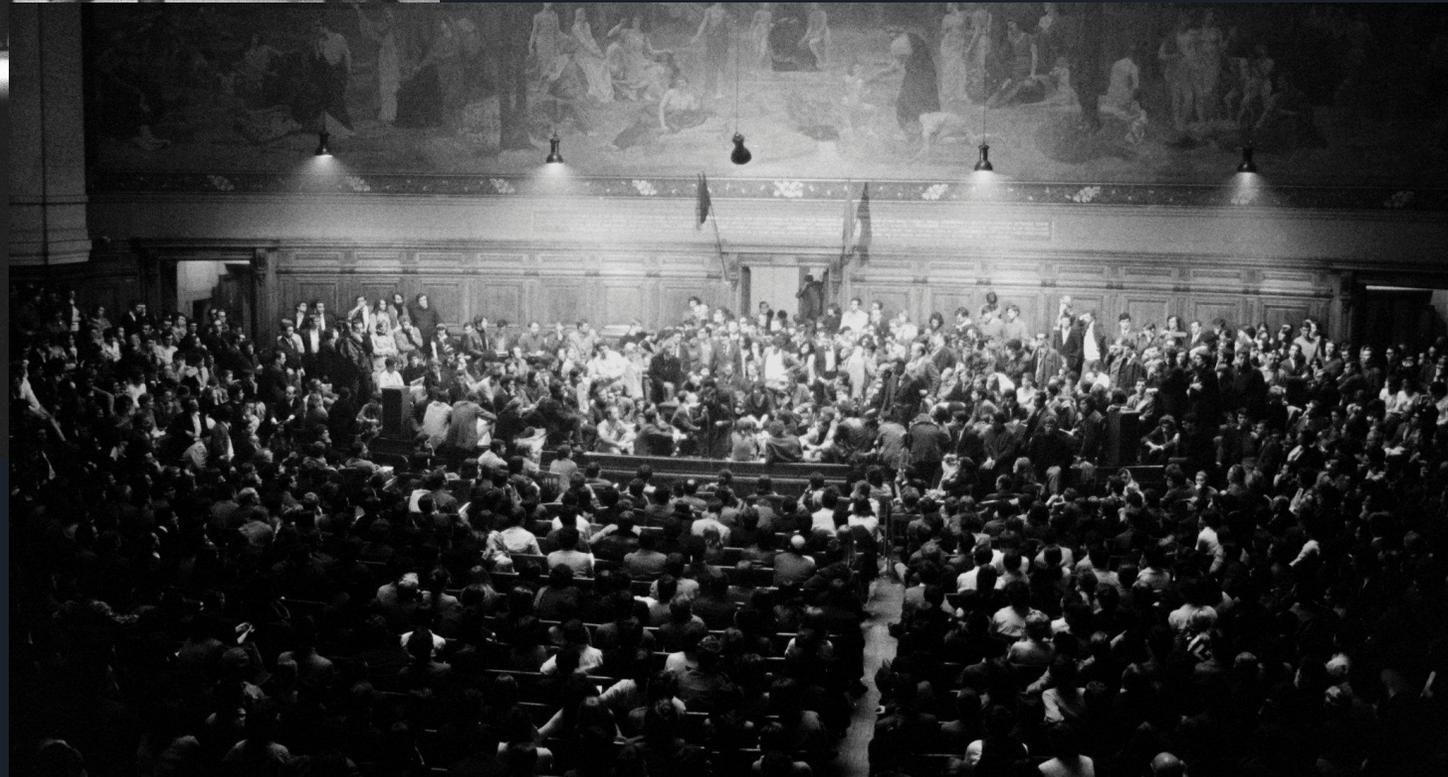
- ❖ Escritor francês, teórico marxista, filósofo, cineasta
- ❖ Nasceu em Paris, França, em 28/ Dez/1931 e se suicidou em 30/Nov/1994
- ❖ Durante a Segunda Guerra Mundial, a família Rossi começou a viajar por várias cidades e em Cannes, Debord começou a se interessar por cinema
- ❖ Em novembro de 1952, rompeu com os Letristas e junto com Gil J. Wolmam, Jean Louis Brau e Serge Berna, fundou a “Internacional Letrista”, que foi um laboratório de experimentação, que antecipou a maioria das inovações culturais da segunda metade do século
- ❖ Em 1957, criou a “Internacional Situacionista” junto com o pintor dinamarquês Asger Jorn, Guy Debord:
  - ❖ buscavam uma superação da arte e se definia como uma “vanguarda artística e política”, apoiada em teorias críticas à sociedade de consumo e à cultura mercantilizada
  - ❖ no campo artístico, as principais fontes do movimento foram o dadaísmo e o surrealismo
  - ❖ no âmbito da atuação política, apoiava os movimentos de contestação que ocorreram na época, principalmente os manifestos de maio de 1968, quando os estudantes protestavam para exigir reformas na educação na França.



# A obra: A Sociedade do Espetáculo

- ❑ Publicado em Novembro de 1967
- ❑ Obra filosófica e política que faz uma crítica feroz à sociedade contemporânea, ou seja, à sociedade de consumo, à cultura da imagem e à invasão da economia em todos os setores da vida
- ❑ Corrente de crítica renovada que não estava satisfeita com o Capitalismo Ocidental e nem com o Socialismo bolchevique russo
- ❑ A obra é acerca dos conceitos desenvolvidos por Marx
- ❑ O espetáculo, segundo o autor é uma droga para escravos que empobrecem a verdadeira qualidade da vida, é uma imagem invertida da sociedade desejável, na qual as relações mercantis suplantam os laços que unem as pessoas
- ❑ Os movimentos de Maio de 1968 tornaram esta obra famosa
  - ❑ Greve Geral e Ocupação de universidades e fábricas pela França
  - ❑ A Passeata dos Cem Mil no Brasil
  - ❑ Movimento de contracultura nos Estados Unidos
  - ❑ Primavera de Praga na República Tcheca
  - ❑ O Massacre de Tlatelolco no México

# Greve Geral na França- Maio/1968





# Greve Geral na França- Maio/1968

- ❖ Revolução Social e Cultural
- ❖ Estudantes ocuparam a Universidade de Sorbonne Nanterre
- ❖ Intelectuais protestaram com estudantes e trabalhadores
- ❖ Trabalhadores das indústrias entraram em greve em Paris e nos subúrbios
- ❖ O movimento liberal feminino cresceram a partir dos protestos acima
- ❖ O movimento gay também se iniciou a partir deste momento histórico



# Passeata dos 100 mil no RJ

## O que precedeu a passeata

- ❖ Apogeu da repressão militar em 1968 com o assassinato de um estudante secundarista (28/Mar/1968) no restaurante estudantil
- ❖ Manifestações sucederam-se no centro da cidade, todas reprimidas com violência
- ❖ No início de junho de 1968, o movimento estudantil começou a organizar um número cada vez maior de manifestações públicas e a prisão de um líder estudantil
- ❖ Mais protestos, prisões e mortes até a Passeata dos 100 mil em 26/Junho/1968

## A Passeata

- ❖ Organizada por estudantes contou com a participação de artistas, intelectuais e outros setores da sociedade
- ❖ As faixas diziam: "Abaixo a Ditadura. O Povo no Poder"
- ❖ Durou 3h e encerrou-se em frente à Assembléia Legislativa do RJ e sem conflitos



# A Sociedade do Espetáculo

O quão atual pode ser esta obra 50 anos depois?

Nosso tempo, sem dúvida... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser... O que é *sagrado* para ele, não passa de *ilusão*, pois a *verdade* está no profano. Ou seja, à medida que decresce a verdade a ilusão aumenta, e o *sagrado* cresce a seus olhos de forma que o *cúmulo da ilusão* é também o *cúmulo do sagrado*.

Atualmente, a vida de aparências vivida pelas imagens postadas nas redes sociais, é uma ilusão e ela é tão intensa que acredita-se ser verdade.

# A Sociedade do Espetáculo

## Que relações são essas?

4

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens.



# A Sociedade do Espetáculo Ser ou Ter?

17

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social levou, na definição de toda a realização humana, a uma evidente degradação do *ser* em *ter*. A fase presente da ocupação total da vida social em busca da acumulação de resultados econômicos conduz a uma busca generalizada do *ter* e do parecer, de forma que todo o “ter” efetivo perde o ser prestígio imediato e a sua função última. Assim, toda a realidade individual se tornou social e diretamente dependente do poderio social obtido. Somente naquilo que ela *não* é, lhe é permitido aparecer.





# A Sociedade do Espetáculo Unidade?

29

A origem do espetáculo é a perda da unidade do mundo, e a expansão gigantesca do espetáculo moderno exprime a totalidade desta perda: a abstração de todo o trabalho particular e a abstração geral da produção do conjunto traduzem-se perfeitamente no espetáculo, cujo *modo de ser concreto* é justamente a abstração. **No espetáculo, uma parte do mundo representa-se perante o mundo, e é-lhe superior.** O espetáculo não é mais do que a linguagem comum desta separação. O que une os espectadores não é mais do que uma relação irreversível com o próprio centro que mantém o seu isolamento. O espetáculo reúne o separado, mas reúne-se *enquanto separado*.

A falta de identificação de classe que temos na sociedade corrobora para sustentar o capitalismo enquanto nos distraímos com o espetáculo daquilo que nos é permitido almejar nas horas vagas



# A Sociedade do Espetáculo

## Alienação da vida

30

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: **quanto mais ele contempla, menos vive, quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo.** A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhos apresenta.

Atualmente, a vida de aparências vivida pelas imagens postadas nas redes sociais, é uma ilusão e ela é tão intensa que acredita-se ser verdadeira vida vivida.



## Eugênio Bucci - "Muito além do Espetáculo" - Ciclo Mutações

3:20 até 5:59  
26:30 até 32:20  
47:00 até 52:40

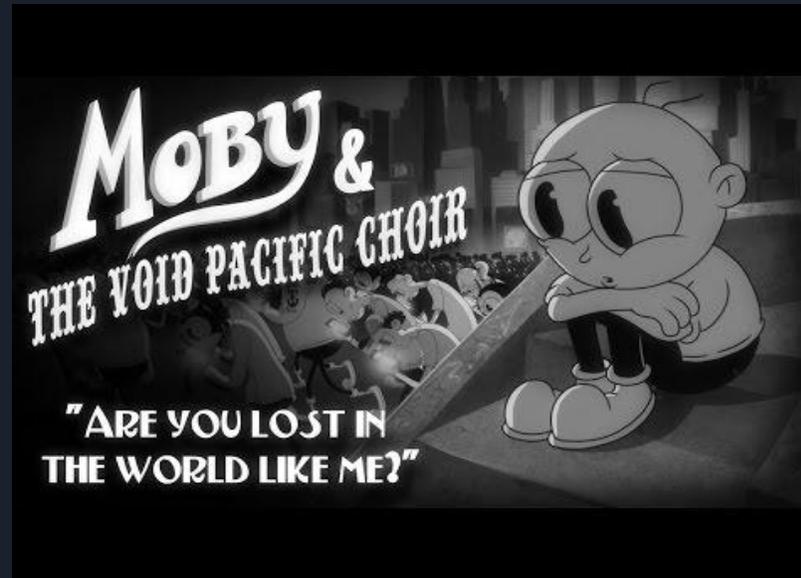


<http://www.institutocpfl.org.br/2010/09/03/cafe-filosofico-cpfl-especial-%E2%80%93-a-contracao-do-tempo-e-o-espaco-do-e-spetaculo-%E2%80%93-marilena-chauí-e-olgaria-matos/>

Espaço, tempo e mundo virtual (A contração do tempo e o espaço do espetáculo) - Marilena Chauí e Olgária Matos

15:19 até 22:50  
31: 35 até 35:50  
44:00 até 45:25

Programa baseado na palestra gravada no dia 3 de setembro de 2010 em Campinas.



2016-Steve Cuttes. Trilha Moby & The Void Pacific Choir

- A satisfação, que a mercadoria abundante já não pode dar no uso, acaba por ser procurada no reconhecimento do seu valor enquanto mercadoria: propagam-se em grande velocidade.
- O fetichismo da mercadoria atinge momentos de excitação fervente. Se exprime o uso fundamental da submissão.



- Lá onde já se instalou o consumo abundante existe uma oposição espectacular principal entre a juventude e os adultos: São as coisas que reinam e que são jovens.
- O consumidor real recebe uma sucessão de fragmentos desta felicidade mercantil, fragmentos dos quais a qualidade atribuída ao conjunto está evidentemente ausente.



(2017) Happiness (produzido por Steve Cutts, trilha: Habanera de Bizet e Morning Mood de Edvard Grieg)

- As divergências sociais e econômicas não ficam explícitas e esse consumo chega ao mesmo ponto e do mesmo modo a felicidade.
- A potência cumulativa de um artificial independente conduz, em toda a parte à falsificação da vida social.
- O objeto que era prestigioso no espetáculo, torna-se vulgar no instante que entra na casa do consumidor e também entra na casa de todos os outros, revelando tardiamente sua pobreza essencial.
- Cada nova mentira da publicidade é também a confissão da sua mentira precedente.

# Tempo e História

“Os proprietários da mais-valia histórica detêm o conhecimento e o gozo dos acontecimentos vividos. Este tempo, separado da organização coletiva do tempo que predomina com a produção repetitiva da base da vida social, corre acima da sua própria comunidade estática.”

Controle do conhecimento:

- Investimento em educação.
- Direitos.
- Desvalorização da profissão.
- Condições de trabalho.





“Senhores que detêm a propriedade privada da história, sob a proteção do mito, detêm-na eles próprios, antes de mais nada, sob o modo da ilusão: na China e no Egito, eles tiveram durante muito tempo o monopólio da imortalidade da alma; como as suas primeiras dinastias reconhecidas são a reorganização imaginária do passado.”

#### Sistema Feudal:

- Sociedade dominada pela religião.
- Tempo é orientado pela volta ao Reino de Deus.
- Novas religiões são fundamentais no conhecimento do tempo.
- Não há consumismos terrenos, apenas o desejo de agradar a Deus e a Igreja.

#### Capitalismo:

- Sociedade dominada pelo mercado mundial.
- Tempo unificado mundialmente e orientado pelo mercado mundial.
- A religião não é fundamental.



“A burguesia concluiu, então, com esta religião um compromisso que se exprime também na apresentação do tempo: o seu próprio calendário abandonado, o seu tempo irreversível voltou a moldar-se na era cristã, de que ele continua a sucessão.”

# Tempo Espetacular

“O tempo pseudocíclico apoia-se ao mesmo tempo nos traços naturais do tempo cíclico, e dele compõe novas combinações homólogas: o dia e a noite, o trabalho e o repouso semanais, o retomo dos períodos de férias.”

Tempo Cíclico = Ritual diário.



“O tempo pseudocíclico não é outra coisa senão o disfarce consumível do tempo-mercadoria da produção. Ele contém as características essenciais de unidades homogêneas permutáveis e da supressão da dimensão qualitativa. Mas ao ser o subproduto deste tempo destinado ao atraso da vida quotidiana concreta — e à manutenção deste atraso —, ele deve estar carregado de pseudovalorizações e aparecer numa sucessão de momentos falsamente individualizados.”



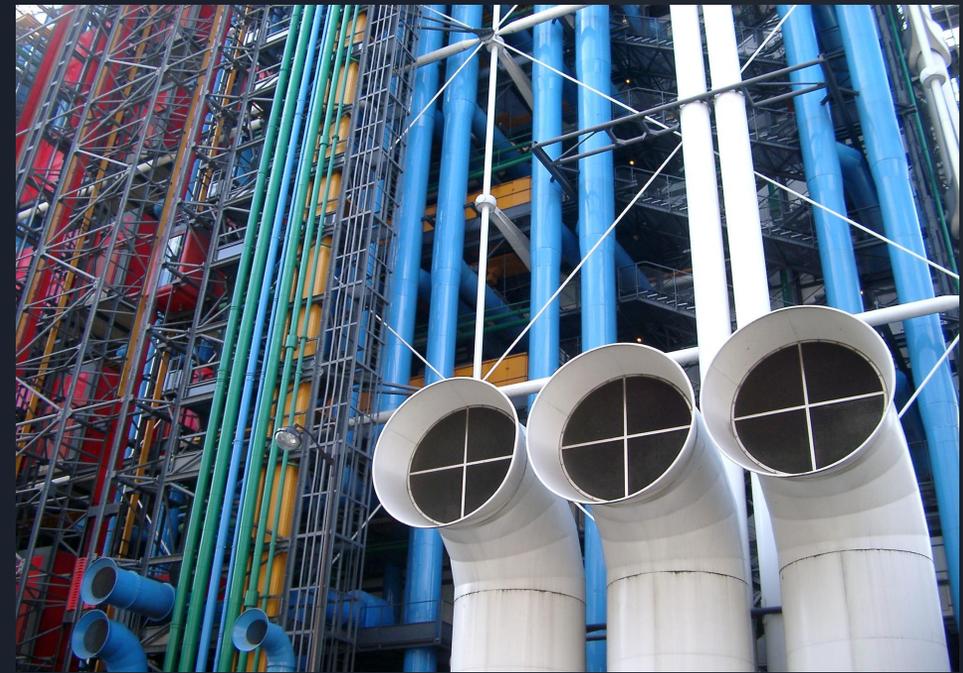
# ÁRVORE BRANCA - cidade de Montpellier - França



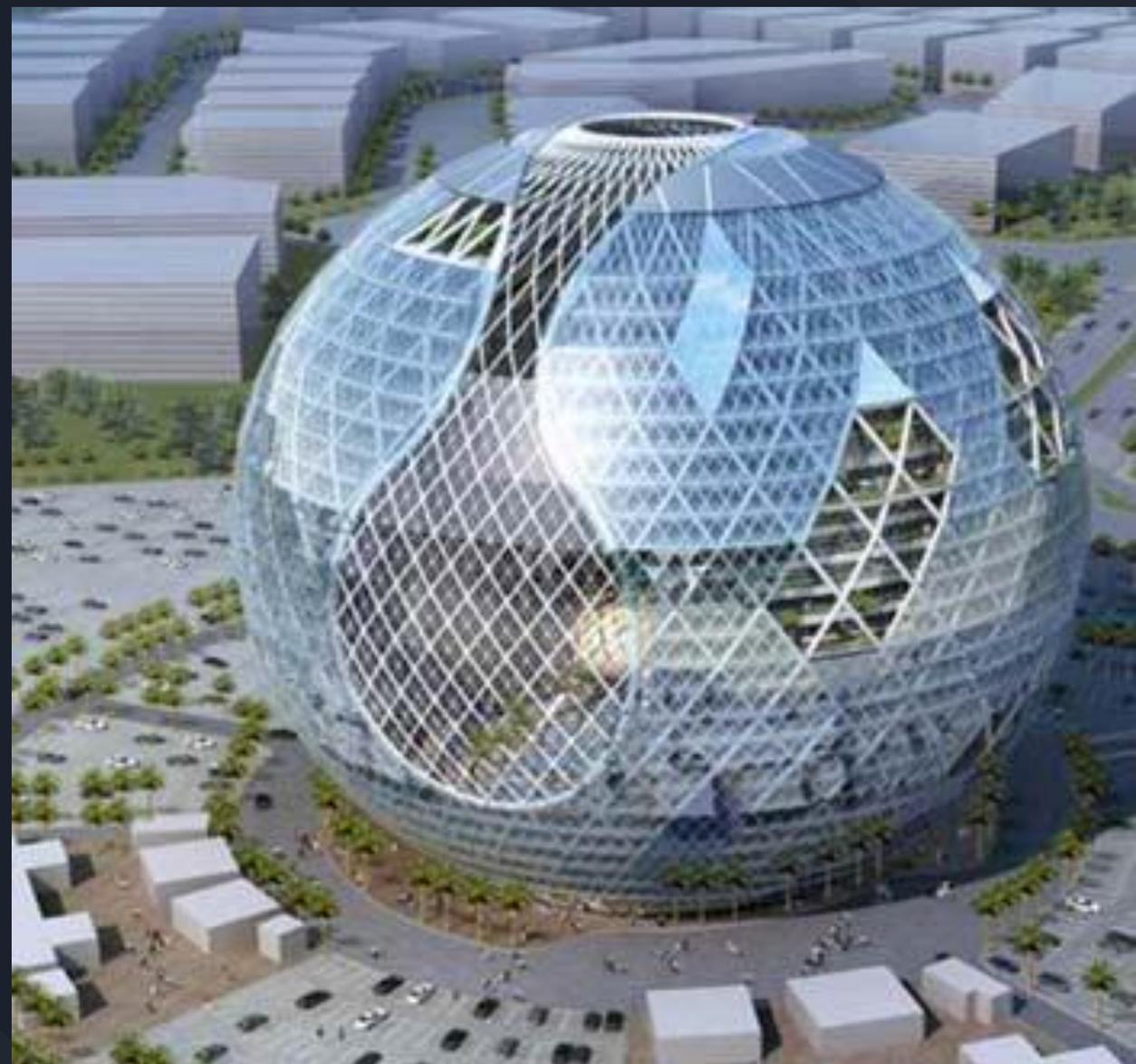


*Centre National D'art et de Culture Georges-Pompidou - Beauborg, Paris/França*



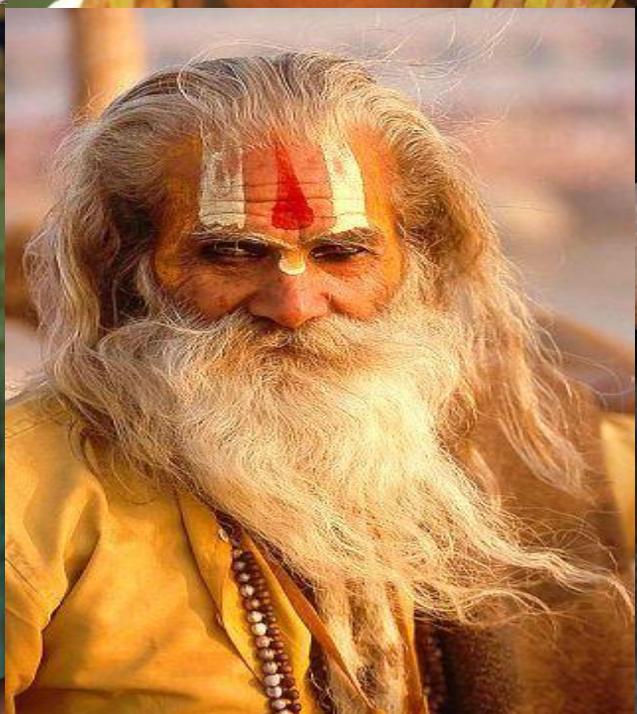
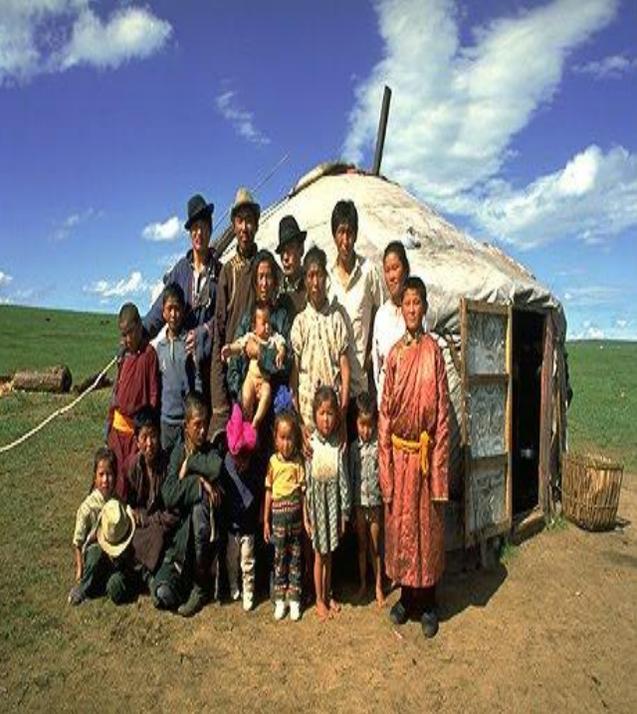


# Tecnosfera - Dubai, Emirados Árabes Unidos



## Ruptura dos estereótipos



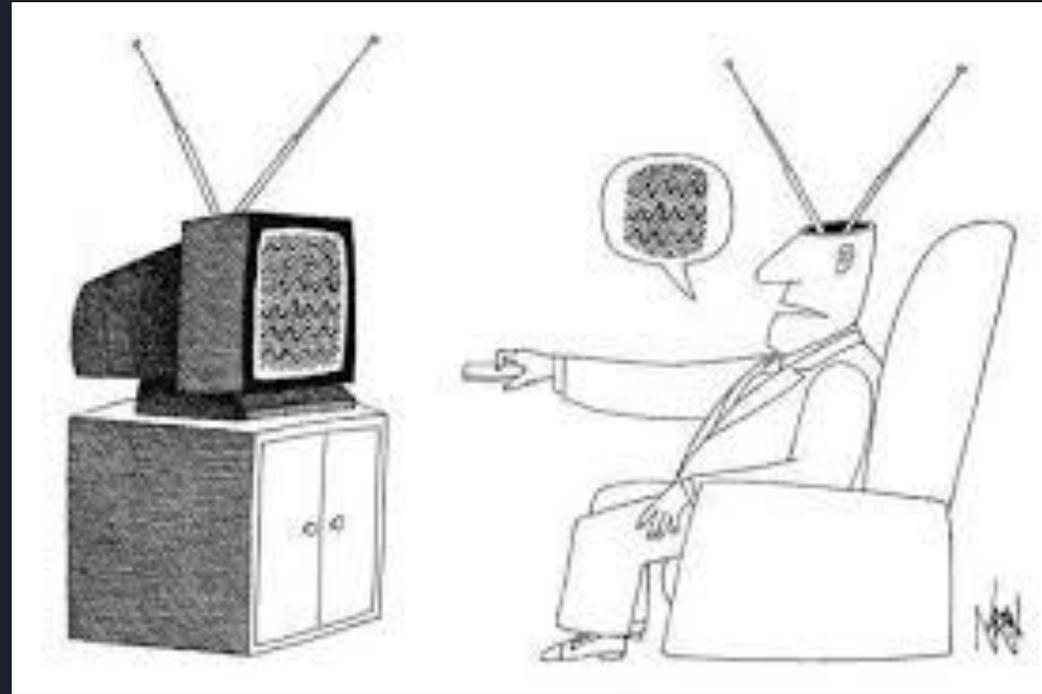


# Consumo da cultura

A cultura tida integralmente como mercadoria deve tomar-se também a mercadoria vedete da sociedade espetacular.

O espetáculo surge devido ao fato do homem moderno ser demasiado espectador.





A produção, distribuição e consumo dos conhecimentos chegaram a abarcar 29% do produto nacional dos Estados Unidos e se compara ao papel motor no desenvolvimento da economia, assim como foi o automóvel anteriormente. (Debord, p. 124)

O espetáculo passa a ser o palco de dominação da burguesia sobre o proletariado.

Numa sociedade em que ninguém pode mais ser reconhecido pelos outros, cada indivíduo torna-se incapaz de reconhecer sua própria realidade.



“quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos entende sua própria existência e seus próprios desejos” (Guy Debord)



Platão - apenas vislumbrar as sombras dos objetos reais

A consciência espectadora não conhece mais do que interlocutores fictícios que lhe falam unilateralmente da sua mercadoria e da política da sua mercadoria.



As câmeras de vigilância não estão em poder do carcereiro, mas da mídia. Uma distopia onde o juiz deixa de ter diploma de direito e passa a compor a sociedade civil, num eterno júri popular.



**efeito panóptico** - o olhar que a tudo e a todos vê.



Jeremy Bentham - designou uma penitenciária ideal, em que um único vigilante observa todos os prisioneiros, sem que estes possam saber se estão ou não sendo observados.

Michel Foucault - a sociedade atual instalou o sentimento constante de vigilância, sem necessariamente ver quem o vigia.



A necessidade de ter/ser um espetáculo é socialmente aceitável.



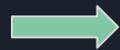
# Cultura do Espetáculo

## Sociedades do Espectáculo



Em sociedades marcadas pelos media, pela dramatização das notícias, por uma encenação permanente (quotidiana) dos acontecimentos. Tudo é drama. O espectáculo nunca pára. Transformou-se mesmo num modo-de-existência.

## Sociedades da Competição



Em sociedades definidas pela concorrência, pela disputa entre pessoas, entre empresas, entre instituições. A competição deixou de ser um “resultado” para passar a ser um “processo” que determina as nossas vidas.



# Cultura do Espetáculo

## Sociedades do Consumo



Em sociedades organizadas para a compra de bens, úteis e inúteis. O consumismo é uma estranha forma de vida, mas tão familiar que é inimaginável existir sem ele. Faz lembrar a célebre frase de Fernando Pessoa para a Coca-Cola: *Primeiro estranha-se. Depois entranha-se.*

## Sociedades do Conhecimento



Em sociedades que se definem por uma procura incessante de novos conhecimentos e tecnologias, por uma quase angustiante necessidade de formação e re-formação, pela sensação de que estamos sempre desactualizados.